

# Sarney se diz injustiçado

15/4/88, SEXTA-FEIRA • 3

## e critica os políticos

EBN

**Jales** — O presidente José Sarney disse ontem, na cidade paulista de Jales, a 585 quilômetros a oeste da capital, que há políticos no Brasil que usam a "máscara de democratas, mas trazem dentro de si o espírito do autoritarismo, do absolutismo, querendo através da violência forçar decisões, evitar a manifestação de liberdade dos outros e matar a liberdade com a própria liberdade". Em seu discurso, depois de receber o título de "Cidadão Jalense", o presidente da República fez também uma clara referência a CPI do Senado que apura corrupção no Governo e repetiu antigas críticas à classe política:

"Eu, às vezes, em momentos de reflexão, me pergunto por que Deus me trouxe de tão longe para que encontrasse tanta dificuldade e tantas desesperanças ao mesmo tempo. Encontrei uma resposta dentro de mim mesmo. É que o Brasil precisava, neste instante, do homem que tivesse a capacidade de não perder a paciência, de ter tranquilidade para aceitar todas as injustiças, aceitar a violência verbal, aceitar o terrorismo moral, sabendo que este é sacrifício que a Nação exige de mim".

### Corrupção

O andamento da CPI da corrupção foi criticado ontem pelo presidente José Sarney. Ele destacou que "em certos momentos, nós estamos vendo no País uma extrapolação daquilo que é a própria liberdade", porque "a liberdade de cada um termina quando começa a liberdade dos outros". Eis a íntegra da entrevista:

— **Presidente, hoje o Senhor governa com total tranquilidade o País?**

**Presidente** — Olha, eu acho que o Governo com total responsabilidade e acho que o País atravessa momentos de dificuldades. A transição democrática não é fácil, mas eu tenho a grande esperança de que nós vamos vencer tudo isso e vamos ter mais esperanças e certezas do que dificuldades.

**Quais os riscos que correm a transição?**

A transição democrática é difícil, sobretudo, no momento em que nós estamos criando novas instituições. A Constituição cria novas instituições e depois ela tem que ser complementada através das Constituições estaduais, através das leis complementares, através do sistema eleitoral que vai ter que ser votado, através de formação de partidos políticos, enfim, é uma tarefa de engenharia política bem difícil, que não é obra só do presidente, é obra de todo um conjunto político do País.

— **Presidente, o Senhor disse que a convocação de alguns assessores seus para depor na CPI da Corrupção seria uma tentativa de desestabilizar o Governo. Como é isso?**

— Eu não falei isso. Até hoje eu não comentei nada sobre esse assunto.

## Prisco confirma perseguição

Aldori Silva



Prisco: Sarney é violentado

### Ataque no "Pé do Rádio"

O presidente Sarney faz uma reflexão hoje, em seu programa "Conversa ao Pé do Rádio", sobre o que ele considera "uma campanha brutal e insidiosa que vem sendo difundida insistentemente contra o Governo e o Presidente". Em sua fala radiofônica, Sarney reconhece que "todo mundo, a todo momento, ouve, aqui e ali, algum insulto, alguma calúnia, alguma injúria" visando a atingir a imagem do Governo. No mesmo programa, o Presidente da República diz que não está interessado por motivação pessoal e de qualquer maneira a nenhum tempo prefixado de mandato e anuncia que está tomando providências para uma economia de guerra e severidades.

Sarney diz aos seus ouvintes que tem enfrentado os problemas e os ataques com serenidade e afirma que não tem tempo para se preocupar com a "onda de maldade". Ele se queixa da inflação e das dívidas externas e interna que o seu governo "recebeu como herança". O Presidente diz que está preocupado em melhorar os programas de distribuição de leite e de construção de 500 mil casas pelo sistema de mutirão e com a contaminação de sangue nas transfusões.

— Estou preocupado em governar. Eu tenho a consciência de que nenhum governo sofreu campanha tão contundente. Mas tenho a identificação dessa campanha. É que eu feri interesses políticos muito grandes e também tive uma resistência a colocar o Governo a serviço de interesses subalterno

de assessores seus para depor na Comissão?

— Não vou continuar fazendo o mesmo comentário. Não comento.

— **O Senhor falou em terrorismo moral, em violência moral?**

— Eu acho que em certos momentos nós estamos vendo no País uma extrapolação daquilo que é a própria liberdade. O que eu disse é que a liberdade de cada um termina, onde começa a liberdade dos outros. E no momento que se procura através da violência verbal, através do terrorismo moral que é pior que outra espécie de terrorismo desintegrar a sociedade democrática nós estamos, quer dizer, combatendo a própria democracia. Nós não vamos ter um País democrático se nós não fizermos a democracia dentro dos homens. Ela não é somente o regime ela é um estado de conveniência. É preciso que cada um seja democrata.

**Quem está fazendo isso?**

— Ai você pode responder você mesma.

— **Com relação à questão da mensalidade escolar. O que vai mudar, Presidente?**

— Olha, hoje (ontem) nós devemos sair com algumas providências. Inclusive o ministro da Educação não veio na minha comitiva, porque eu determinei que ele ficasse em Brasília para resolver este problema.

— **Com relação à URP, Presidente, todo o funcionalismo público e também o funcionário da empresa privada está muito preocupado com essa situação. Ela deverá ou não, ser mexida ou congelada para todo mundo?**

— O período de congelamento foi somente limitado ao setor público direto e indireto e não há nenhuma preocupação de estendê-la ao setor privado.

— **Isso resolverá o problema do déficit público?**

— Nós temos problemas imediatos de caixa e estamos tentando resolver com menores custos e menores sacrifícios para todos.

### Visita

O presidente visitou Jales acompanhado dos governadores do Mato Grosso, Carlos Bezerra; de Mato Grosso do Sul, Marcelo Miranda; de São Paulo, Orestes Quércia; dos ministros das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães; da Habitação, Prisco Viana; das Relações Exteriores, Abreu Sodré; do Trabalho, Almir Pazzianotto; da Agricultura, Iris Rezende; e do Gabinete Militar, Rubem Bayma Dennis; dos Transportes, José Reinaldo Tavares, além de um grupo de deputados federais paulistas.

O presidente José Sarney, que discursou na Escola de 1º Grau Eupley Jalles, passou cerca de três horas em Jales, onde, além de receber o título de "Cidadão Jalense", visitou a 19ª Feira Agrícola Comercial, Industrial e de Pecuária da cidade, que completa hoje 47 anos. Chegou às 10h20 e voltou à Brasília às 13h30.

**Jales (SP)** — O ministro da Habitação, Prisco Viana, disse ontem que concordava com o desabafo do presidente José Sarney feito no discurso em Jales, no Oeste paulista, de que tem sido vítima de «violência verbal e terrorismo moral» por parte dos senadores que integram a CPI da corrupção para apurar denúncias contra irregularidades cometidas pelo Governo.

«O discurso do presidente Sarney é uma expressão que reflete a realidade do quadro que estamos vivendo, na medida em que a classe política transforma a CPI num instrumento de ação política para atingir o Governo.

de grupos, disse o Presidente aos seus ouvintes.

Sarney também fala da reunião do Ministério, convocada para segunda-feira. Diz que vai ser refeita uma avaliação do orçamento e que cada ministro vai assumir a responsabilidade de, na sua pasta, fazer a execução fiel do orçamento. "Vamos diminuir ao mínimo todos os gastos. Nenhuma despesa será feita fora do orçamento unificado, que pela primeira vez se executa na República e que foi feita pelo meu Governo. Serão dadas ordens drásticas para a consecução desses fins", prometeu Sarney.

O Presidente repete que não tem nenhuma motivação pessoal quando fala na duração de seu mandato. "Se eu falei em cinco anos, é porque estava convicto e estou, e assim o fazia para servir a transição, preparar o caminho do sucessor com o País normalizado. Mas nada, nada mesmo me faria sair dos poderes éticos para forçar situações", disse o Presidente.

Sarney reafirmou ser um homem paciente e tranqüilo, capaz de "aceitar todas as injúrias, aceitar a violência verbal, aceitar o terrorismo moral, sabendo que este é um sacrifício que a Nação exige de mim para que se aprenda pelo exercício que a democracia não é isso, mas, sim, o regime do respeito e da liberdade de cada um, respeitando a liberdade dos outros".

Durante um mês, o Presidente absteve-se de fazer ataques no seu programa radiofônico semanal, o que volta a fazer hoje.